

Iranilson Buriti de Oliveira**

347


Os colégios-internatos e as pedagogias do internar emergem nos cinco capítulos do livro como uma prática sociocultural que dialoga com muitos referenciais desse tipo de educação, que envolve tanto os seminários criados pelos jesuítas quanto o modelo francês de internar, passeando pelas pedagogias modernas e pelo olhar médico

*** Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2002); pós-doutorado em História das Ciências e da Saúde na Casa de Oswaldo Cruz - Rio de Janeiro (2009) e pós-doutorado em História na PUC-SP. Professor Associado IV da Universidade Federal de Campina Grande. Pesquisador com bolsa de produtividade em pesquisa vigente no CNPq.



sobre o corpo interno. Da capital do Império a Sergipe, as prescrições e interdições médicas ganham relevo e voz. É um profícuo enredo tecido por Joaquim Tavares sobre a interface entre corpo, escola, internato e medicalização escolar. O médico insurge textualmente como uma autoridade no plano dos cuidados higiênicos no espaço do colégio, incluindo a preocupação com as vestes, asseio pessoal, prevenção de doenças e vícios, castigos físicos e alimentação. Um conjunto de teses médicas apresentadas nas faculdades de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia desenhava os modos de ser e de comportar nos internatos, permeando as sensibilidades e sociabilidades do colégio e sua interface com as questões mais gerais de saúde pública, o que incluía sexualidade, libertinagem, princípios morais e regulação dos espaços escolar, familiar e social. O vocabulário médico está por toda parte, desde a arte de conservar a saúde combatendo o onanismo, a ausência de educação física e corporal nos colégios, a deficiente educação moral baseada no medo e nos castigos humilhantes, a deficiência alimentar e a maneira equivocada de trajar de meninos e meninas. Ainda fazia parte da gramática da saúde, os reclames de jornais anunciando tanto no Rio de Janeiro quanto nas capitais das províncias os diversos tipos de banhos de saúde, que incluía o banhar-se com água quente, o “tiburungar” em cachoeiras e as barcas para banhos de mar. Esse corolário de prescrições e recomendações médicas poderia ajudar no funcionamento adequado dos colégios.

O livro de Joaquim Tavares apresenta o recurso da propaganda como uma condição de possibilidade de crescimento dos colégios entre o público leitor, de modo que os leitores-pais se interessem pelas diversas formas de educar que são teatralizadas pelos jornais, revistas, almanaques e prospectos, estes últimos confeccionados e distribuídos, incluindo, além da propaganda, o enxoval que deve ser levado pelas alunas. Nos diversos reclames, a população em geral é conectada com os internatos. Jornais e periódicos tornam-se territórios nos quais circulam normas e economias simbólicas dos colégios, sentimentalidades e geografias educativas. Os periódicos, a exemplo do Almanak Laemmert, com os seus anúncios de colégios na capital do Brasil ou do interior, tornam-se aos poucos um “grande bazar”, implantando cada vez mais imagens em suas propagandas objetivando despertar os olhares dos pais e mães, engendrando novas coordenadas de produção da subjetividade ao afirmar padrões estéticos, éticos e políticos dos colégios-internatos. Os recursos publicitários utilizados desejam que o produto anunciado cause no leitor uma necessidade de consumi-lo. Ao agenciar certos comportamentos dos pais de alunos e alunas, a publicidade interfere, com seu discurso pedagógico, nos níveis mais íntimos da subjetividade familiar. Torna-se, portanto, um elo entre o sistema de produção e o universo de consumo, estreitando a confiança entre os diretores de colégios-internatos e as famílias.

Os capítulos do livro são relatos sobre as maneiras de educar nos internatos, incluindo a situação da instrução pública em Sergipe no século XIX, cartografada por Joaquim Tavares como pedaços de experiências culturais tanto no interior (Estância, Laranjeiras), quanto na capital, alguns deles organizados com aspectos de um pequeno empreendimento familiar. O autor discorre magistralmente sobre o atraso educacional, a péssima condição do professorado, a ausência de escolas normais na província, a inexistência de prédios próprios para o funcionamento das aulas e dos baixos salários recebidos pelos professores. Desenhando as práticas educativas no final do XIX em Sergipe, Joaquim Tavares apresenta ao leitor a procura pelos estabelecimentos particulares de ensino (liceus, ateneus e outros colégios) versus a situação desacreditada pelo ensino público, situação que elevou o Ateneu Sergipense ao posto de principal instituição de ensino secundário de Sergipe. No século XX (até 1950), duas características principais do internato sergipano são mencionadas, quais sejam, a existência de espaços específicos para a organização e funcionamento escolar e o crescimento no número de escolas particulares que ofereciam internato para ambos os sexos, seja em Aracaju ou nas cidades do interior, muitas delas dirigidas pelas congregações católicas (Imaculada Conceição, irmãs Sacramentinas, irmãs Franciscanas, Salesianos, dentre outras) que aliavam as práticas da escolarização formal à manutenção da influência do catolicismo entre os sergipanos.

Os cinco capítulos, sequencialmente, apresentam o ato de internar nos colégios e a pedagogia da teatralização dos atos de controlar, vigiar e inspecionar meninos e meninas. Na ausência de escolas públicas, se afirmava a centralidade dos internatos, ateneus e liceus no contexto das grandes e médias cidades do Brasil. Para os filhos da elite brasileira, o internato era uma possibilidade do seu filho desasnar e tornar-se, futuramente, um bacharel, um médico, um padre, um engenheiro. Era uma possibilidade de sua filha tornar-se, também, uma professora ou uma excelente esposa, prendada na arte de governar, de recitar ou de tocar piano. Portanto, o livro é uma importante contribuição historiográfica para a história da educação brasileira entre os séculos XIX e XX.

Destaco que as imagens em preto e branco reproduzidas no livro aparecem de maneira muito bem integradas aos textos e aos capítulos, com a devida problematização por parte do autor e com uma boa qualidade visual. Estabeleço uma crítica ao primeiro capítulo (*Princípio do Internato*) que soou para o leitor como uma busca às origens, uma leitura evolucionista do internato e da arte de educar. O autor poderia ter feito as devidas conexões com os internatos franceses sem apresentar essa corrida ao início, ao princípio, às origens, pois o espaço e o tempo de educar, no Brasil, possuem as suas configurações próprias, diferentemente da França. Internar e educar no Brasil eram feitos de outra ordem, embora dialogas-



sem com os modos de governar e de disciplinar meninas e meninas nos internatos franceses. Na pedagogia da vigilância, o tempo e os espaços dos colégios no Brasil eram organizados para enfrentar as ameaças e as tentações características dessas paisagens.

Em poucos momentos do livro há repetições, apresentando informações já ditas em capítulos anteriores, porém, como leitor, considero que isso é um recurso narrativo que o autor utiliza para reforçar os argumentos em relação ao governo dos corpos estudantis, textualizando as pedagogias de internar arraigadas nas práticas educativas em Sergipe, seja nos colégios confessionais seja nos colégios laicos.

Finalizando, o livro apresenta os **deslocamentos** nas práticas de internar e de educar no contexto histórico, com o crescimento dos colégios confessionais no interior de Sergipe, as boas condições arquitetônicas de muitas escolas (dormitórios, salas de aula, pátios escolares) e as **permanências**, dentre as quais a grande maioria de internatos instalados na residência do proprietário do estabelecimento. Ao finalizar a leitura do livro, uma lição é muito bem evidenciada: nas práticas de educar o corpo do outro, muitas indagações e (in)compreensões históricas ainda permanecem.

